

GEOGRAFIA E ARTE: A EXPERIÊNCIA ESPACIAL DO SER E SENTIR *Geography and Art: the spatial experience of being and feeling*

Emilly Domingos da Silva¹
Eugênia Maria Dantas²

RESUMO

A arte vem ganhando destaque como temática geográfica afastada de abordagens positivistas, que cercam a ciência de certezas, objetividade e materialidade em suas reflexões e escolhas teóricas, empíricas e metodológicas. Situada em uma perspectiva humanista, a geografia valoriza as experiências, as vivências, as subjetividades, as memórias atravessando a trama espacial como a arte do vivido. Nesse sentido, o propósito de apresentar modos de ver, sentir e experienciar o espaço, a partir de elementos do cotidiano, evidenciam a geograficidade do ser, dando novas pistas de interpretação da espacialidade contida nos fazeres, que neste artigo advém do grupo de Mães João Paulo II, situado no bairro CidadeNova, Natal (RN). Utilizamos a observação, as conversas (com roteiros abertos) e os registros fotográficos dos encontros semanais das mulheres integrantes do grupo para evidenciar a poética espacial do cotidiano desvelada na arte do viver e sentir.

Palavras-chave: Arte. Espaço. Experiência.

ABSTRACT

Art has been gaining prominence as a geographical theme, far removed from positivist approaches, which surround science with certainties, objectivity and materiality in their reflections and theoretical, empirical and methodological choices. From a humanist perspective, geography values experiences, subjectivities and memories, traversing the spatial fabric as the art of the lived. In this sense, the purpose of presenting ways of seeing, feeling and experiencing space, based on everyday elements, highlights the geography of being, providing new clues for interpreting the spatiality contained in the actions, which in this article come from the João Paulo II Mothers' Group, located in the Cidade Nova neighborhood, Natal (RN). We used observation, conversations (with open scripts) and photographic records of the weekly meetings of the women who are members of the group to highlight the spatial poetics of everyday life revealed in the art of living and feeling.

Keywords: Art. Space. Experience.

-
- 1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. emillydoomingos@gmail.com
✉ Rua das Humanidades, s/n, Lagoa Nova, Natal, RN. 59078-900.
- 2 Professora Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. eugeniadantas@yahoo.com.br
✉ Rua das Humanidades, s/n, Lagoa Nova, Natal, RN. 59078-900.

INTRODUÇÃO

A geografia é a ciência que estuda o espaço e sua interrelação com o ser humano. Mas como tal ciência poderia ser evidenciada como uma arte? Podemos observar que o processo de produção espacial pode ser entendido como arte entrelaçada ao espaço cotidiano da repetição, do esquecimento e das lembranças que criam e recriam uma relação de corporeidade singular no tocante às nuances do ser e das vivências espaciais. Essa urdidura pode ser observada em narrativas diversas oriundas dos campos literários, cinematográficos, musicais, dentre outros, e nas práticas espaciais cotidianas, em que se pode extrair geografias de existências múltiplas. Esses campos, em certa medida consolidados na arte da exposição das vivências, ressaltam as relações socioespaciais que envolvem as subjetividades e a sensibilidade inerentes ao ser humano em sua incansável trajetória de interligar as linguagens poéticas aos afazeres prosaicos, fomentando diferentes estímulos sociais, culturais e emocionais ao espaço vivido.

Assim compreendemos a geografia como uma arte de criação sócio-espacial que, guiada pelas lentes da sensibilidade, enxerga a intangibilidade do mundo e dos eventos que o movem. Geografia e a arte conectadas, ao âmago do ser, cria e recria intersubjetividades espacialmente complexas. Segundo Dardel (2015, p. 3) “a geografia oferece a imaginação e a sensibilidade, até em seus voos mais livres, o socorro de suas evocações terrestres, carregada de valores”.

Para Dantas (2021) a geografia é uma narrativa do mundo e o espaço geográfico suas tatuagens carregadas de significados humanos e inumanos. O espaço é tido como pêndulo que une os conhecimentos científicos sistematizados as nuances imaginadas e experienciadas, sendo essas transcritas na poética espacial

do cotidiano, por meio de estratégias revestidas de práticas cartográficas, vivências, emoções e memórias, que denotam a arte geográfica do ser e sentir espaciais. Nesse sentido temos como objetivo compreender a geografia como uma arte, um modo de ver, sentir e experienciar o espaço, por isso perguntamos: Como a geografia pode ser entendida como arte? Quais reverberações emergem ao ampliar o olhar da ciência geográfica imbricando nas nuances da arte?

Para alcançar o objetivo delimitado fizemos o levantamento bibliográfico sobre a temática geografia e arte, e selecionamos autores como Bachelard (1974), Marandola Jr. (2010), Dardel (2011), Dantas (2020) e Dozena (2020), como lastro norteador da sistematização teórica efetuada. Como campo de observação empírica apresentamos o bairro de Cidade Nova, localizado na Zona Administrativa Oeste de Natal-RN e as atividades desenvolvidas pelo grupo de mães João Paulo II, que desenvolvem ações relacionadas a produção de bordado, crochê, fuxico, pintura de panos de pratos. Para acompanhar as ações do grupo efetuamos visitas para conversar, fazer registro fotográfico, observar a dinâmica da arte embebida, fiada e desfiada no cotidiano dos sujeitos. O trabalho do grupo é um quadro da arte cotidiana espacial do bairro de Cidade Nova, Natal-RN.

O artigo se subdivide em três momentos, sendo esta introdução o primeiro que esclarece sobre o que é e como foi estruturado o artigo; o segundo momento traz o aporte teórico sobre a temática, tendo como autores norteadores Dardel (2011), Bachelard (1974), Marandola Jr. (2010), Dantas (2020), Dozena (2020); e, por fim, o campo empírico de observação da geografia como arte, tendo como reflexão o bairro de Cidade Nova em Natal-RN evidenciando a arte cotidiana do lugar, que é inventado e experienciado pelo grupo de mães João Paulo II.

UMA EPOPEIA ESPACIAL: A ARTE DO VIVER E SENTIR

O homem é um ser espacial! Tal afirmação ampara-se na relação do homem com o espaço geográfico, partindo das nuances da complexidade imbricada numa relação visual, corporal e emocional sendo esse campo de afetações e vivências que influenciam e são influenciadas pelas ações antropogênicas no ecúmeno, pois segundo Silva e Dantas (2023, p.520):

O espaço de um determinado grupo não é como um quadro que se pode escrever e apagar números e figuras. O espaço recebeu a marca do grupo, que são expressas na morfologia paisagística, e o grupo foi marcado pelas nuances de ambiência do lugar. E todo esse complexo arranjo capturado como um quadro, ajuda-nos a romper determinados pensamentos reducionistas, afastando-nos de raciocínios como “post hoc ergo propter hoc” - Depois disso, logo, causado por isso.

Para Dardel, 1899 - 1967 (2015, p. 3), há uma “Geograficidade do homem como modo de sua existência e seu destino”. A poética espacial é transpassada por emoções, experiências, vivências, desejos e esperança que culminam por construir as nuances de cotidianidade do ser. Encontramo-nos assim com o ser “não no sentido kantiano do termo, mas da própria subjetividade, imanência de si a si” (Sartre, 2011, p. 29). O ser Sartriano é precedente ao existir “estar nele em toda parte e em parte alguma” (Sartre, 2011, p. 35). Partimos assim da simbiose que une a consciência, o existir e o ser tecendo assim uma ontologia, pois “O sentido do ser do existente, na medida em que se revela a consciência, é o fenômeno do ser. Este sentido tem, por sua vez, um fundamento àquilo que se manifesta” (Sartre, 2011, p. 36).

Mas como essa singularidade do ser conecta-se com arte? As ciências modernas influenciadas pelo positivismo, fomentou uma

linha rígida de separação entre ciência e arte, mesmo a exemplo das ciências geográficas que utilizavam descrições poéticas e ilustrações para os trabalhos científicos, insistia-se em demarcar uma divisão entre esses saberes. No entanto, segundo Marandola Jr. (2010, p. 8):

A Geografia para seu encontro com a Arte é tanto necessária quanto imprescindível para seu desenvolvimento. Isso não ocorre apenas pela incorporação da arte como documento, mas, sobretudo como símbolo e marca de um espaço-tempo cultural.

Destarte, tal leitura crivada pelo olhar artístico é carregada de sensibilidade e corrobora para inserção de diferentes leituras da realidade que mostram a fluidez espacial e suas diferentes afetações e interpretações que se conectam às subjetividades humanas. Segundo Marandola Jr. (2010) existem dois principais eixos de incorporação da arte na análise, sendo esses:

(1) como *relato documental*, apegando-se à realidade retratada e àquilo que ela traz de facticidade histórico-geográfica; e (2) como *imagem-imaginário* ou *símbolo-representação*, que traz/produz uma visão de mundo (valores e símbolos), desenhando geografias e proporcionando a reflexão sobre a própria condição humana; um conhecimento universal portanto (Marandola Jr., 2010, p. 9) (Destaques dos autores).

A fomentação das análises de *relato-documental* e *imagem-imaginário* não busca a sobreposição de conhecimentos artísticos em detrimento do científico, mas a ampliação do conhecimento científico embebido de um lugar do olhar artístico, que foge da rigidez e dá enfoque às experiências do corpo, vivências, desejos e esperanças. Criando uma nova estética de leitura espacial pautada nas nuances do espaço concebido, percebido e vivido, indo além de uma arte pictórica. Buscando evidenciar as margens do processo de produção das vivências espaciais, esse é o caminho e a chegada é o processo de

absorção do caminhar como “estado no qual a mente e o corpo e o mundo se alinham, como se fossem três personagens que finalmente põe-se a conversar, três notas que, de repente, forma um acorde” (Solnit, 2016, p. 22).

Ou seja, uma forma de ressignificar o processo cognitivo de apreensão da realidade espacial, indo além da fronteira do conhecimento científico transmutando geografia em arte. A arte de vivenciar, experienciar e descrever o espaço criando uma ponte entre as subjetividades do sujeito com o olhar científico, mestiçando a curiosidade inata ao homem, saberes, práticas espaciais e conhecimentos científicos visando desvendar a epopeia espacial a qual o ser é inserido em sua cotidianidade pois “o ser, está no fundo, além de si” (Sartre, 2011, p. 37).

Ressalto que tal apreensão da realidade delimita um caminho desconhecido, impulsionado pelo desejo de compreender o mundo e suas tramas singulares. Entretanto, nem todos conseguem construir a acurácia para efetuar as conexões, estratégias de observação e vivência do mundo para atravessar esse campo semiótico de análise da realidade, transcender as fronteiras do não-conhecimento, não-domínio e o não-hegemônico. Uma orientação de apreensão de mundo cultural e experienciado, de acordo com Marandola Jr. (2010).

Portanto, caminhamos para o desenvolvimento de uma **geosofia**, isso é uma geografia do conhecimento que enfoca a evidência da natureza geográfica dos fenômenos com crivo da existência e experiência socioespacial, dando ênfase aos contextos geográficos dos saberes-fazer no cerne essencialista do viver, segundo Marandola Jr. (2010). A **geosofia** vai de encontro a uma geografia essencial, que fia o cotidiano dos sujeitos, sendo um caminho para acionar a geograficidade de Dardel (2015) onde o humanismo é resgatado aproximando a academia dos saberes-sociais.

O espaço partindo dessa perspectiva é “experimento de religação do não-vivo com o vivo, do caos com a ordem, do infinito com o finito, da narrativa com a estética, das amarras primitivas com o real” (Dantas, 2020, p. 210). A geografia como arte parte do universo da experimentação e essência do viver uma invenção da experiência corporal com as múltiplas variações vida perene. Assim o espaço emerge como uma ponte composição de vida cotidiana imbricada a estética, que se liga a natureza imagética da arte como uma metodologia que aproxima e ao mesmo tempo afasta, sem cortes. Assim a arte corrobora com o afloramento do poético e prosaico da trama espacial, segundo Dantas (2020).

A poética espacial é um elemento que compõe e influencia a construção de uma geografia como arte, pois a ponte com a estética corrobora com a narração e invenção de um mundo, que se conecta com formas, sentimentos, querereres, amores e dores “a geografia tem na estética a estratégica para criar a narrativa do mundo integrando o poético à dimensão prosaica da vida” (Dantas, 2020, p. 218). Assim a imagem poética espacial é criada, pois a cada aproximação, afastamento, esquecimento, lembrança, exclusões e margiamentos na leitura espacial do “invariável” se multiplica e cria novas estruturas porosas para a leitura experiencial do espaço. Assim, segundo Bachelard (1974, p. 183):

A imagem poética não está submetida a um impulso. Não é o eco de um passado. É antes o inverso: pela explosão de uma imagem, o passado longínquo ressoa em ecos e não se vê mais em que profundidade esses ecos vão repercutir e cessar. Por sua novidade, por sua atividade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio. Ela advém de uma ontologia.

A imagem poética carrega consigo a expressão do ser, pois o poeta declama sobre o seu âmago essencial pois “o poeta não me confia

o passado de sua imagem e, no entanto, sua imagem se enraíza, de imediato, em mim. A comunicabilidade de uma imagem singular é um fato de grande significação” (Bachelard, 1974, p. 184). Tal processo de produção de estética da imagem é artística, seduz e tem um fio de significação essencialista único que interliga-se a subjetividade dos ser. Nesse sentido a transubjetividade das imagens não são compreendidas tendo como referência as nuances objetivas do espaço, essa transcende é essencialmente arte, um modo de sentir e experienciar o mundo. Transcorre as variações subjetivas pautadas no âmago essencialista do ser que interpreta e transmite uma mensagem sobre a imagem, essa não é monótona, é múltipla e fugaz. A imagem poética convenientemente inventa e oculta aspectos que são matizados nas múltiplas versões de interpretação do observador.

Nesse sentido, quando falamos da poesia espacial remetemo-nos “registro poético que corresponde à alma deve, pois, ficar em aberto para as nossas indagações fenomenológicas” (Bachelard, 1974, p. 186). A imagem poética do espaço se engendra pelo mundo da percepção, pois “nos poemas se manifestam forças que não passam pelos circuitos de um saber” (Bachelard, 1974, p. 186). Permeado pelas suas entrelinhas a potência dos saberes, lugares comum e ordinários que são transformados em extraordinários pela força da poesia que pretende ir longe e perto, efervescente o profunda e ultrapassa as razões do método científico é assim traz à superfície a reverberação da sensibilidade da alma que se esconde no ser humano, é uma obra de arte! adentramos assim, em um viés complexo pois a poesia espacial é “aquele que conhece, isto é, que transcende e que dá nome ao que conhece. Enfim, não há poesia, se não há absoluta criação” (Bachelard, 1974, p. 193).

Assim, diante do exposto pode-se inferir que a geografia como arte transcende o raciocínio acadêmico formal academicista, sendo esses elementos “transversais à vida humana” (Dozena, 2020, p. 376).

Assim abrimos caminhos pluridisciplinares que culminam a abarcar a realidade espacial do hodierno, pois:

Ampliando essa ideia, consideramos que a arte atua por meio de representações que nos instruem sensivelmente sobre o modus operandi de uma sociedade, e participa vigorosamente da construção das representações dos espaços (Dozena, 2020, p. 382).

Nesse sentido, precisamos tomar uma nova posição em relação à espacialidade do mundo e da arte, sendo essa uma linha que cosem formas de ver e compreender o espaço, sua relação com o homem e as dinâmicas espaciais da modernidade. Pois, tal perspectiva permite alçar a geograficidade do ser “uma geografia existencial e subjetiva, pela elaboração de um conhecimento sensível dos territórios, que coloca em dúvida as oposições entre o real e o imaginário, e entre o conhecimento e a ficção” (Dozena, 2020, p. 383). Assim emergem novas formas de sentir e vivenciar a imprevisibilidade previsível do cotidiano, observe o movimento de construção e des-ordenamento da vida, pulsante que se sobrepõe a poesia do espaço, que é refinada e potencializada pelas tramas do lugar “algo que é sutil, inteligível e sensível ao mesmo tempo” (Dozena, 2020, p. 383). Diante da poética espacial chegamos na invenção do cotidiano e suas práticas espaciais:

A invenção caracteriza-se por dois aspectos. Em primeiro lugar, a invenção é sempre invenção de novidade, sendo, por definição, imprevisível. Em segundo lugar, para Bergson a invenção, em sentido forte, é sempre invenção de problemas e não apenas invenção de solução de problemas. São esses dois pontos – o caráter imprevisível do processo de aprender e a invenção de problemas – que necessitam ser incluídos no estudo da aprendizagem inventiva (Kastrup, 2001, p.18).

Assim, tem-se como delimitação o estudo de hábitos e imitação que se conectam e criam subjetividades inventivas, ou seja, cada

indivíduo cria um hábito e/ou comportamento que passa a inventar determinado nuance de um lugar que emerge da sua condição espacial que é concretizada a partir de ações que condicionam um hábito, segundo Kastrup (2001). Nesse quadro espacial, o hábito emerge como uma condição da experiência “mas esta condição é, ela própria, condicionada pela sua realização, pelos seus produtos, num movimento de retroação inventiva” (Kastrup, 2001, p.19).

A invenção de um lugar parte do modo de funcionamento do cotidiano, um mecanismo de aprendizagem inventiva que condiciona e é condicionada pelo processo. Destarte:

não entendemos a invenção como algo raro e excepcional, privilégio exclusivo de artistas ou mesmo de cientistas. O interesse é pensar a inventividade que perpassa o nosso cotidiano e que permeia o funcionamento cognitivo de todos nós, do homem comum (Kastrup, 2001, p. 19).

Diante do exposto a invenção emerge como um signo subjetivo a qual somos tocados, sua diferenciação e problematização permeia as nuances inventivas do lugar, partimos pela busca de sentido e classificação processual de espaço vivido, não como ponto de partida, mas sujeito e objetos tornam-se efeito e causa.

Voltamos assim a debruçarmo-nos sobre a geografia como arte que é “fundamental para a criação de outras realidades pelas inspirações criativas que dela brotam, e permite que a geografia se reorganize teórica-metodologicamente, em sua relação próxima, com e no mundo” (Dozena, 2020, p. 391).

A INVENÇÃO DO BAIRRO DE CIDADE NOVA

Adentramos a nuance da invenção do bairro de Cidade Nova, Natal - RN por elementos inicialmente simples e corriqueiros, mas com potência para identificarmos ação, forma e conteúdo em que

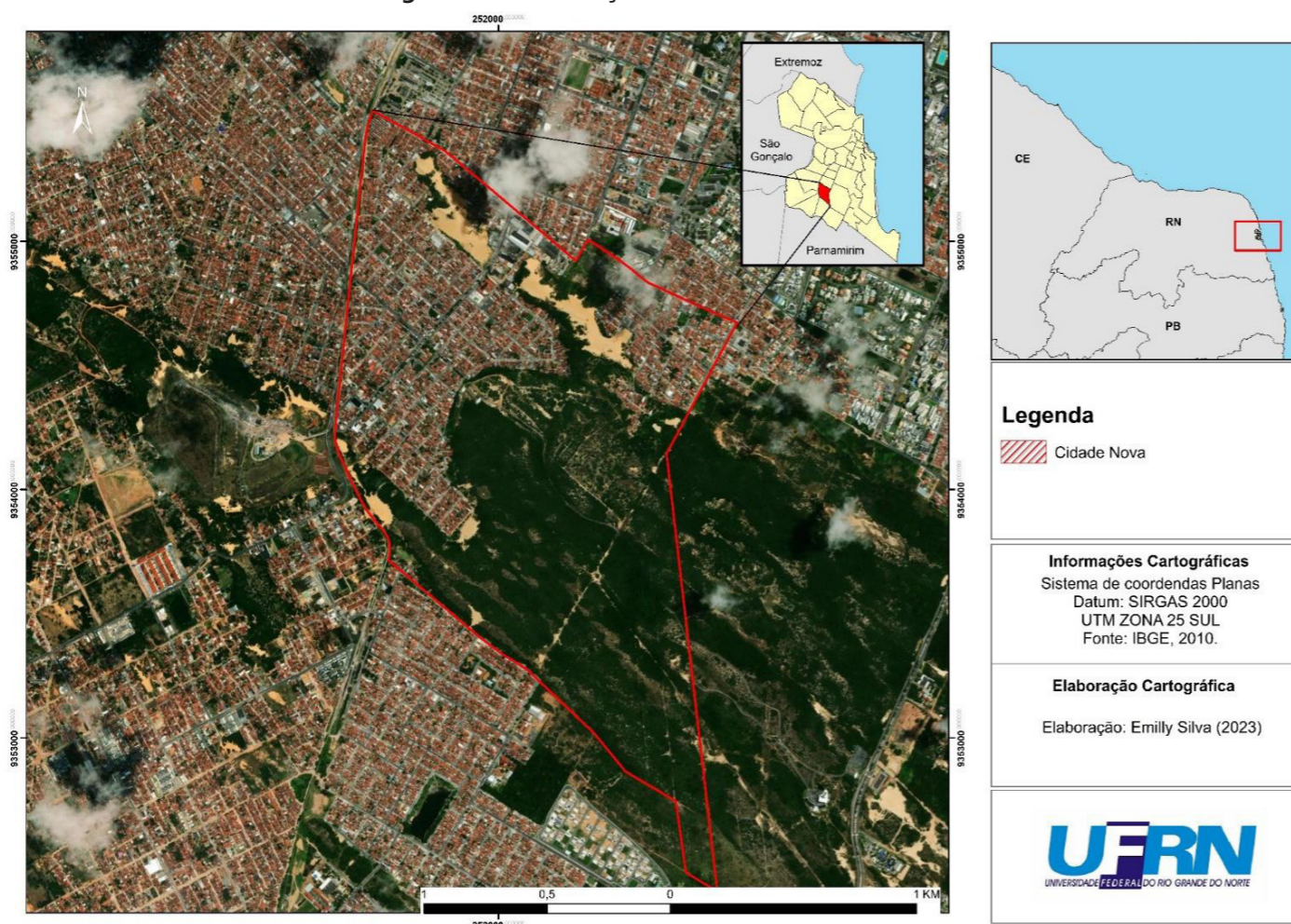
indivíduos ou grupos se encontram implicados. Mas que Cidade Nova inventada é essa e como essa se conecta às nuances da arte? Para responder a tal questionamento se faz necessário adentrarmos no cotidiano vivenciado e experienciado pelos habitantes do bairro de Cidade Nova, em um jogo matizado entre a dimensão prosaica e poética do lugar.

O bairro de Cidade Nova é localizado na Zona Oeste de Natal. A ocupação das terras do que hoje se define como sendo o bairro de Cidade Nova foi iniciada em meados da década de 1960, segundo a SEMURB - Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo (2012), os primeiros moradores são oriundos do interior Norte Riograndense. Esse território foi ampliado com a criação do Loteamento Habitacional da Esperança, uma ação vinculada ao governo de Aluizio Alves, quando ocorreu a instalação de infraestruturas básicas como estradas, fontes hídricas, rede elétrica, iluminação pública, transporte público ações que estimulou a atração populacional para esse lugar.

Segundo o Censo (2010) o bairro de Cidade Nova apresenta uma população de 17.651, sendo dessas 9.178 mulheres e 8.473 homens, que habitam uma área de 262.12. A densidade demográfica é de 67,34 hab/ha, apresentando em média 3,39 moradores por domicílios. Vale ressaltar, que 57,33 % dos domicílios situados no bairro de Cidade Nova são próprios, enquanto 36,10% são alugados e 6,59% cedidos. Relativo aos aspectos socioeconômicos, segundo a SEMURB (2010), os moradores do bairro de Cidade Nova têm o rendimento médio mensal em 0,83% salários-mínimos, destaque que o salário base utilizado tinha com média R\$: 510,00 reais.¹

¹ Ressalto que os dados utilizados são de 2010, pois são os únicos disponíveis em escala de análise de bairro, os dados do censo 2022 até o presente momento não foram sistematizados e liberados para o público em geral.

Figura 01 – Localização do bairro de Cidade Nova



Fonte: Arquivo do autor (2023).

A escolha do grupo de Mães João Paulo II, ocorreu como modo de empirizar a geografia como arte, sendo esse grupo um exemplo latente da geografização da arte cotidiana. Pois, a arte produzida nesse espaço carrega em suas entrelinhas a geograficidade dessas mulheres, que vivem e experienciam o bairro de Cidade Nova, como seu lugar no mundo. O grupo de Mães João Paulo II é formado por mulheres periféricas e pobres que utilizam a sua arte como uma forma de potencializar seu existir, que é usualmente silenciado e inviabilizado pelo sistema de capitalização do homem, que atribui valor ao sujeito pelo lugar onde está inserido, conforme Santos (2011). Nesse quadro, a cidadania está ligada diretamente à posição do indivíduo no território, as oportunidades e experiências são diferentes de acordo

com o lugar que se está inserido. O grupo de Mães João Paulo II potencializa o existir por meio de estratégias do fazer que se fundem com as artes de ser expressadas nos bordados, crochês, fuxicos, dentre outros. Esses artefatos alimentam uma economia solidária carregada de sentidos espaciais como o de comunidade, vizinhança, convivialidade, haja visto compartilhamento de cursos de capacitação a transformação do estacionamento de uma escola em um lugar de produção. Nesse cenário, as mulheres criam laços e produzem arte, elas existem e resistem, nesse espaço.

O grupo de Mães João Paulo II é formado por 12 mulheres, moradoras do bairro de Cidade Nova. Esse coletivo é composto majoritariamente por senhoras, com idade que varia entre 45 e 75 anos, com escolaridade em nível de ensino fundamental. Os encontros ocorrem em um espaço cedido, no estacionamento da Escola Municipal Professora Emília Ramos, uma vez por semana, nas quintas-feiras. As integrantes do grupo são aposentadas ou não exercem um trabalho formal, e utilizam a renda dos produtos como complemento. Nas quintas-feiras o grupo reúne-se e coletivamente produzem fuxico, crochê, bordado, pintam panos de pratos, customizam e produzem bolsas, sandálias, toalhas e lençóis. Nesse sentido, o Grupo João Paulo II é um exemplo de economia

Geografia e Arte: a experiência espacial do ser e sentir
 Emily Domingos da Silva e Eugênia Maria Dantas

solidária, onde mulheres produzem arte, como complemento de renda familiar, e tecem convivialidade baseada na arte cotidiana do viver que são tingidas em seus encontros, onde trabalham juntas, vão a feiras de artesanato, tomam um café e conversam sobre o existir e suas problemáticas do cotidiano, tal graduação como podem ser observadas nas figuras 02, 03 e 04.

O Clube das Mães João Paulo II, fundado em 1984 por Dona Maria Verissimo, é moradora do bairro de Cidade Nova. Atualmente o grupo tem 39 anos de funcionamento e costuma oferecer cursos de aperfeiçoamento de *Redes, borda, crochê e pintura*, para as integrantes e pessoas da comunidade. Os participantes do grupo pagam uma mensalidade simbólica no valor de R\$: 10,00 que é revertido para a compra de materiais para a produção artesanal, segundo a integrante:

Tem uma mensalidade de dez reais, e essa mensalidade é devolvida a nós mesma sempre é devolvida, com as programações do final do ano, com as programações das coisas que a gente compra. Porque aqui a gente toma café, a gente lancha e já é um custo que a gente tem, a gente gasta com a gente mesmo né! E assim vamos levando! (Integrante, 2023).

Vale ressaltar que a atual presidente é a Maria Celeide, moradora do bairro de Cidade Nova há mais de 30 anos. Atualmente o grupo funciona no espaço do estacionamento da Escola Municipal professora Emília Ramos, tal espaço foi cedido para que o grupo pudesse funcionar, entretanto segundo relatado “já aconteceu de tá pintando aqui, e uma bola bater na tinta e derrubar para todo lado!” (Integrante, 2023). O que demonstra as dificuldades enfrentadas para que esse grupo continue funcionando em um espaço cedido:

Porque é um espaço privado eu agradeço a Deus ter ele hoje para a gente estar. Porque a gente não tem condição de ter um

Figuras 02 - A arte do cotidiano: Produção de artesanato



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Figura 03 - A arte do cotidiano: Grupo João Paulo II



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Geografia e Arte: a experiência espacial do ser e sentir
 Emily Domingos da Silva e Eugênia Maria Dantas

espaço da gente, porque pra gente ter um espaço da gente, tem que ter pagar aluguel, ou uma sede própria e tem que andar muito para conseguir. E tendo uma sede própria a gente tem que pagar água, pagar luz e as responsabilidades de custo! e de onde a gente vai tirar? (Integrante, 2023).

Os relatos das integrantes são potentes e revelam o lado prosaico do cotidiano experienciado por essas mulheres, que são integrantes do Grupo João Paulo II. Entretanto, essas resistem e transformam o prosaico em poesia através da luta por existirem e continuarem com seus trabalhos de artesanato, sua arte, que imbricam-se e confundem com suas vidas, dores, alegrias e quererem. Assim o Grupo João Paulo II é o exemplo latente da arte cotidiana que é fardo e ao mesmo tempo alívio cotidiano. Diante do exposto, destaca-se a participação democrática que é tecida no grupo “aqui a gente tem um espírito de compartilhamento, tomamos as decisões juntas, por mais que tenha conflito” (Integrante, 2023). O que ratifica a importância desse lugar de potência e reconhecimento de mulheres, periférica, pois, nesse grupo tem a presença de mães, filhas e netas que trabalham em simbiose para a construção de um lugar que transcende as arestas de uma economia solidária. O Grupo João Paulo II é um exemplo da arte cotidiana latente de resistência e existência dos saberes-fazer coloquiais que se potencializa e se transforma em arte. Um modo profundo de viver e experienciar o espaço pelas arestas pulsantes do ser.

Diante do relatado, emerge a questão sobre o que um lugar como esse significa para os integrantes e pode-se observar o seguinte relato:

É esse espaço para mim é muito importante! Porque a gente faz artesanato né, cada uma faz uma coisa diferente! E eu acho bom, porque eu não trabalho! E tudo que eu fizer que eu aprendo eu vendo lá fora né! Vendo aqui em Cidade Nova, participo de

Figura 04 - A arte do cotidiano: Produtos do Grupo João Paulo II



Fonte: Arquivo do autor (2023).

feira, participo assim, alguns chamam para ir numa feira em outro canto, eu vou! Já teve lá na minha igreja, ali naquela praça do Alecrim. A gente já foi, foi muito bom! Mas, não teve ajuda de ninguém e não fomos mais porque tudo precisa de dinheiro, né? E agora! eu vendo assim para as amigas, pessoas de perto de onde eu moro (Integrante, 2023).

Nesse sentido, vemos a efervescência e potencialidade do lugar embebido nas entrelinhas da fala da integrante do grupo de mães João Paulo II. O espaço é embebido pela complexidade pautado nas emoções que se enraízam sobre um lugar que é ponto de encontro e catalisador de laços fraternos; modo de subsistência, pois para algumas mulheres essa é sua única fonte de renda; desejo de apoio e mudanças no tocante a forma de produção e suporte aos artesãos. Ou seja, nesse fragmento de relato uma teia é tecida que transcendem as problemáticas do cotidiano espacial revelando-nos a mais profunda arte do ser e sentir. É transpassada por fenômenos que estão além do controle e mesmo assim esperar, e tal ato pode ser observado no fragmento a seguir: “Às vezes eu venho rica da feira, mesmo sem ter vendido nada! Porque as pessoas gostam do trabalho dizem que é bonito e isso me enche!” (Integrante, 2023).

Esse fala evidencia a Arte do viver, existe fenômeno mais geográfico que esse? Onde uma mulher no ápice das adversidades do cotidiano, pois não vendeu nada e conseqüentemente não obteve dinheiro, é impulsionada a continuar tirando forças dos elogios que foram direcionados a sua arte e conseqüentemente ao artesão, algo que para essa pessoa tem um valor inestimável. Ressalto que não se tem intenção de romantizar essas falas e sim demonstrar a complexidade das afetações que ocorrem nesse ambiente.

Nesse sentido, observamos que a arte e suas afetações são variadas, essas imprimem tatuagens singulares no espaço, como também são marcadas pelo espaço “arte é pensamento, construído e materializado num determinado símbolo-imagem” (Marandola Jr., 2010, p. 15). Assim a arte corrobora com o processo de desvelamento do invisível denotando significados, formas, tons e cores que corroboram com o transcender do Ser. Mostrando as múltiplas tonalidades da experiência que descortinam um novo mundo crivado de movimentos, uma

manifestação do campo sensível que determina e é determinado pelas singularidades da iconografia do sentir.

CONCLUSÃO

A construção da geografia como arte parte de uma busca pelo humanismo geográfico, entretanto tal caminho precisa ser amplamente incorporado nas pesquisas. Pois as fronteiras dos saberes geográficos são múltiplas e tornam-se cada vez mais liquefeitas evidenciando a valorização das subjetividades, emoções e vivências. Ou seja, nesse contexto as nuances do ser e do existir são catalisadas nas entrelinhas da pesquisa, pois a arte é desvelada no contato sócio-espacial do ser com o entorno, no sentir o mundo. Assim os sujeitos criam suas obras no contato factual com o mundo, fruto de uma troca fortuita de conhecimentos e da razão que tocam as subjetividades do ser.

Nesse sentido, vemos o desenvolvimento de uma densa teia de afetações que se entrelaçam e transpassam as nuances impostas pelo pragmatismo científico. A Geografia como arte é singular e ao mesmo tempo plural, diz-nos sobre as subjetividades, emoções, lembranças e esquecimentos que se interligam na densa trama do cotidiano do homem e insistem em desvelar o viés científico e artístico como próximas e semelhantes. Essa simbiose pode ser observada através das lentes das experiências, vivências e percepções que circundam em harmonia a “nova estética” do humanismo, que valoriza o empirismo, o simbolismo, o significado e sentimentos que estão expostos no âmago das relações sócio-espaciais.

Destarte, através do Clube das Mães João Paulo II, no bairro de Cidade Nova (Natal-RN), podemos empirizar as nuances da geografia como arte. Essa pulsão que é embebida nas entrelinhas do cotidiano

Geografia e Arte: a experiência espacial do ser e sentir
Emilly Domingos da Silva e Eugênia Maria Dantas

agindo com sutileza e adversamente voracidade, que conecta e afasta, um modo de ser e sentir o espaço como campo de afeto que conveniente-mente e inventa “a sua verdade”. Entendemos assim as nuances da invenção do bairro de Cidade Nova, como campo empírico da arte do cotidiano ganhando força através das subjetividades dos sujeitos que experienciam o seu inventar sobre aquele lugar. ○

REFERÊNCIAS

BACHELARD, G. **A Poética do Espaço**. Trad. Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

DANTAS, E. M. **Transformar conservando**: para uma geografia mestiça. Dados eletrônicos. Natal: EDUFRRN, 2021.

DANTAS, E. M. Geografia, estética e criação: pistas epistemológicas para uma narrativa complexa. In: DOZENA, A. (Org.). **Geografia e Arte**. [S. l.: s. n.], 2020. p. 209.

DARDEL, É. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DOZENA, A. Horizontes geográfico-artísticos entre o passado e o futuro. In: DOZENA, A. (org.). **Geografia e arte**. [S. l.: s. n.], 2020. p. 375.

KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, 2001.

MARANDOLA JR., E. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**. Geosul, Florianópolis, v. 25, . 49, p. 7-26, 2010.

SARTRE, J.-P.. **O Ser e o Nada**: ensaios de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SOLNIT, R. **A história do caminhar**. Trad. Maria do Carmo Zanini. São Paulo: Marins Fontes, 2016.

SILVA, E. D.; DANTAS, E. M. Des-encontros cotidianos: uma análise paisagística do bairro de Cidade Nova, Natal-RN. **Revista Ciência Geográfica**, Bauru, v.27, p. 516-533, 2008.

Submetido em julho de 2023.
Revisado em outubro de 2023.
Aceito em março de 2024.